

PROJETO DE VIDA PARA ESTUDANTES DA EJA PRIVADOS DE LIBERDADE

Renice Ribeiro Lopes

UNESP - Rio Claro –SP, Brasil
reniceribeirolopes@hotmail.com

Débora Cristina Fonseca

Profa. Dra. do Departamento de
Educação e do PPG Educação
IB/UNESP Rio Claro -SP/ Brasil
debora.fonseca@unesp.

Introdução

Este trabalho se insere em um dos temas críticos da política educacional, qual seja, a educação de jovens e adultos no contexto do sistema carcerário. Nesse artigo apresentamos algumas definições sobre projeto de vida e abordamos a importância de se pensar um “projeto de vida” de forma crítica ao modelo neoliberal e as questões que envolvem tanto a construção quanto a concretude de tais projetos.

A construção de um projeto de vida pode ter início desde a infância (CATÃO, 2001). Nesse caso, requer assujeitamentos à família, professores e convívio social, por transmitirem valores que, internalizados irão compor representações de sua identidade pessoal/social.

Outra percepção de projeto de vida, está relacionada a uma concepção de meritocracia no modelo capitalista. Para Maia; Mancebo, (2010) “[...] o projeto de vida é uma noção que está intimamente ligada à de indivíduo construída na sociedade ocidental, sustentado por duas concepções nela contidas” (p.382). Desta forma, a primeira noção está ligada a projetos de vida como possibilidades de escolhas e a segunda de que o indivíduo precisa se distinguir, diferenciando-se, e encontrando formas para realizar seus projetos, e, caso contrário, a interpretação de ausência de esforço individual, sendo o seu fracasso consequência individual de suas escolhas. As duas percepções focadas em uma concepção de sujeito individual.

No contexto hegemônico dessas concepções liberais, recentemente surge a inclusão de projeto de vida no documento “Base Nacional Comum Curricular – BNCC” (BRASIL, 2017), estando previsto na competência de nº 6 do documento,

o reconhecimento da importância de se trabalhar com projetos de vida. No entanto, restam questionamentos sobre sua implementação.

Projeto de vida, escola e inserção no mundo do trabalho

A maioria dos jovens pobres ingressam no trabalho de forma precoce e completamente desprovidos de qualificações, o que lhes dificulta conseguirem o trabalho desejado. Assim se submetem aos desejos da classe dominante de manter essa massa alienada dependente das migalhas salariais para que possam sobreviver e continuar vendendo sua força de trabalho em troca do pão de cada dia. (MAIA; Mancebo, 2010).

A elite e os discursos neoliberais reforçam a ideia da meritocracia de tal forma que os pobres, por não perceberem as causas sociais que os impedem de lutar pelos seus objetivos, assumem a culpa por seus fracassos, isentando os governos de suas obrigações.

As trajetórias de vida da maioria das pessoas privadas de liberdade são marcadas pela pobreza e pouca instrução educacional, somado ao fato de a escola não ter sentido para eles quando se relaciona à sua vida cotidiana. Na realidade brasileira, os jovens e adultos compreendidos na faixa etária entre 18 e 34 anos somam um percentual de 74% da população carcerária brasileira (INFOPEN, 2017). No enfrentamento dessa realidade, conforme aponta Gadotti:

Não basta matricular os pobres na escola (inclusão). É preciso matricular com eles, também, a sua cultura, os seus desejos, seus sonhos, a sua vontade de ser mais. É preciso matricular o projeto de vida desses novos alunos numa perspectiva ética, estética e ecopedagógica. (GADOTTI, 2019, p. 77).

A pesquisa.

Esse artigo que tem como objetivo problematizar como o projeto de vida pode ser pensado, quando falamos de uma política educacional que não garante emprego e permanência na escola para pessoas jovens e adultas remanescentes do sistema carcerário. As reflexões partem da pesquisa de doutorado que investigou o sentido da escola e do trabalho como projeto de vida para estudantes de uma penitenciária de segurança máxima de Mato Grosso do Sul/Brasil. No recorte proposto, foram utilizados questionários aplicados a estudantes que frequentavam a escola do presídio. Participaram 21 estudantes, sendo 8 do Ensino Fundamental

II e 13 do Ensino Médio. Para manter o sigilo, eles receberam nomes fictícios, usando-se nomes de aves que fazem parte da fauna brasileira.

A 1ª questão se refere ao projeto de vida que tinham antes de entrarem no presídio, cuja maioria respondeu que pretendia casar e constituir família. Apenas 5 alunos pretendiam só trabalhar e outros 3 tinham interesses diferentes: o aluno Garça pretendia ser engenheiro mecânico, o aluno Caburé pretendia trabalhar e se formar como engenheiro agrônomo e o aluno Papagaio pensava em ser empresário, ter seu próprio negócio.

Assim, o projeto de vida da maioria dos estudantes estava relacionado à constituição de família e, provavelmente, ao trabalho, embora esse não fosse citado por todos. Quanto ao desejo de se casar, a motivação pode estar relacionada ao fato de sair de casa, de se livrar de algum tipo de mal-estar. Porém, a educação institucional não se mostrou presente no projeto de vida da grande maioria desses estudantes, mesmo apresentando grande defasagem idade/série. Isso pode ser explicado pelas desigualdades sociais, pois os filhos das pessoas pobres sonham em casar, constituir outra família, trabalhar o mais rápido possível, seja para ajudar a família ou para sair do seu convívio familiar. Mesmo assim, tais jovens enfrentam sérios problemas para conseguir um emprego.

[...] no padrão classista e racista de trabalho ter um diploma de conclusão do ensino fundamental e médio é pré-condição para ser admitido no mercado de emprego, aos 53% de jovens pobres e negros sem diploma de conclusão do ensino fundamental lhes será negado o direito ao trabalho. (ARROYO, 2015, p. 29).

Mesmo tendo esses certificados, também não terão garantia de empregabilidade, pois há, além desses requisitos, uma forte concorrência e exigência de outros atributos.

A 2ª questão investigada se refere ao projeto de vida durante o período de prisão. Neste caso, 10 alunos responderam que pretendiam concluir os estudos; 9 alunos pretendiam concluir os estudos e trabalhar e apenas dois alunos pretendiam só trabalhar.

Percebemos, que quando a oportunidade de trabalho está associada à oportunidade de estudar, aparece o desejo de participação em ambos os setores. Ao responderem sobre seus projetos de vida enquanto detidos no presídio, a escola do presídio investigado se mostrou como indutora de sentidos, provocou mudanças de

atitude nos alunos e foi valorizada por todos. Percebemos a intenção de concluir os estudos e trabalhar pela maioria dos participantes da pesquisa.

A 3ª questão foi sobre o projeto de vida que vislumbram para quando saírem em liberdade. Podemos observar alguns exemplos escritos pelos participantes:

***Arara:** Acabar os estudos, aprimorar meu conhecimento pessoal, casar e constituir uma família. Espero que a sociedade não me rejeite, dando-me uma nova oportunidade.*

***Tucano:** Arrumar serviço certo, não mexer com coisas erradas, cuidar da minha família, ter filhos, fazer cursos profissionalizantes*

***Seriema:** Meu projeto de vida é, em primeiro lugar, conseguir um emprego, pretendo aproveitar todas as oportunidades de cursos que surgirem para me aperfeiçoar no meu objetivo.*

Ao vislumbrarem a liberdade, o trabalho passa a ser a intenção principal. É o trabalho que produz efeito a curto prazo. Por essa razão, deveria ser a primeira preocupação em termos de política pública, garantir a empregabilidade e a educação para pessoas inseridas na educação de jovens e adultos. Se as condições de trabalho para as pessoas pobres já acarretam uma série de dificuldades, para as pessoas que carregam o estigma do aprisionamento isso é muito pior. Sem oportunidade de trabalho, o retorno à criminalidade é quase uma sentença.

Considerações finais.

O estudo proporcionou investigar o sentido da escola e do trabalho como projeto de vida na trajetória de alunos privados de liberdade e de maneira geral explicitam fracasso da política educacional, ao não permitir que esses sujeitos tenham seu direito de escolarização ao longo da vida.

Se para a maioria da população pobre, a garantia ao direito à educação, que implica em acesso, permanência e qualidade não se realiza, para pessoas com histórico de privação de liberdade, nem mesmo o acesso tem sido uma política efetiva.

Como discutir projeto de vida, quando a fome e o analfabetismo são constantes na vida cotidiana dessas pessoas, além da truculência das instituições judiciárias e prisionais. Por isso, entendemos ser este um dos temas críticos da política educacional.

Referências

ARROYO, M. O direito à educação e a nova segregação social e racial – tempos insatisfatórios? **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 3, p. 15-47, jul.-set. 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular, BNCC.** Texto BNCC - Versão aprovada em 15 de dezembro de 2017.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN):** Atualização – junho de 2017. Disponível em:

<http://antigo.depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorios-sinteticos/infopen-jun-2017-rev-12072019-0721.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

CATÃO, M. de F. F. M. **Projeto de vida em construção na exclusão/inserção social.** João Pessoa: Ed. Universitária, 2001.

MAEYER, Marc De. A educação na prisão não é uma mera atividade. **Educação & Realidade**, v. 38, n. 1, p. 33-49, jan./mar. 2013.

DIAS, S.; OLIVEIRA, L. J. de. A reinserção social através do trabalho: responsabilidade empresarial no Resgate da dignidade da pessoa humana. **Revista Jurídica Cesumar - Mestrado**, v. 14, n. 1, p. 143-169, jan. /jun. 2014.

GADOTTI, M. Aula 8: O que é qualidade na educação. *In*: GADOTTI, Moacir. **A escola dos meus sonhos.** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

MAIA, A. A. R. M.; MANCEBO, D. Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. 2, p. 376-389, 2010.